

Análise discursivo-textual de canções: *apresentação*

Discursive-textual analysis of songs: presentation

Nelson Barros da COSTA

Universidade Federal do Ceará
nelson@ufc.br



Lucas Takeo SHIMODA

Universidade de São Paulo
lucas.shimoda@alumni.usp.br



Maria das Dores Nogueira MENDES

Universidade Federal do Ceará
dasdores@ufc.br



É com grande satisfação que apresentamos ao leitor este número da Revista Entrepalavras: *Análise discursivo-textual de canções*. O leitor perceberá que a marca desse dossiê é a diversidade de orientações teóricas mobilizadas para analisar as canções. Sem que tenhamos planejado, praticamente cada artigo utiliza um dispositivo teórico diferente, ainda que algumas macroteorias como a Semiótica e a Análise do Discurso atravessem essa diversidade. Isso mostra que, independentemente da opção teórica, a canção é um objeto que tem seduzido a comunidade científica brasileira interessada na linguagem humana. E não poderia ser diferente: de modo ainda esparsa e isolado, a canção começa a vencer as barreiras que mentalidades preconceituosas lhe impunham no interior da academia. Isso, apesar de a relação universidade x música popular ser antiga no Brasil: vários grandes artistas fizeram graduação (Noel Rosa, Ary Barroso, Caetano Veloso e Chico Buarque, por exemplo, ainda que tenham sido péssimos alunos e largado seus estudos); e não nos esqueçamos do papel dos diretórios estudantis e dos festivais universitários na formação de artistas e na difusão da música popular nas décadas de 60 e 70; e de que vários letristas (como Abel Silva e Antonio Cícero) foram ou são professores universitários. Se o samba, que um dia já foi perseguido pela polícia, se tornou símbolo de brasilidade e produto cultural de exportação, na academia universitária, a música popular começa como atividade recreativa da secretaria de cultura dos diretórios estudantis, passa a figurar como extensão em projetos de ação cultural e só recentemente começa a aparecer como objeto de estudo em cursos que não os voltados exclusivamente para a música.

Dessa “invasão tumultuosa” da academia pela canção, resultam naturalmente múltiplas formas de abordar a materialidade cancional. Mas essa multiplicidade decorre também do fato de que a canção tem natureza multissemiótica e mimética. Assim, embora seja composta essencialmente de texto verbal e melodia, ela aparece de diferentes formas dependendo de seus modos de circulação, assumindo a configuração que o suporte permite, por vezes dando folga temporária à melodia, que, porém, permanece latente na letra, em estado de evocação (em uma versão instrumental, o contrário acontece). Com efeito, neste dossiê, temos textos que analisam canções levando em consideração o compósito melodia-texto e também artigos que enfatizam sua dimensão verbal, deixando o lado melódico subentendido. As duas abordagens não se conflituam, mas se complementam, deixando cada uma flancos que podem ser explorados mutuamente.

Assim é que, abrindo o dossiê temático, o trabalho “Ethé discursivos de Getúlio Vargas nas marchinhas Gê-Gê (1931) e O Retrato do Velho (1951)”, assinado por Raquel Abreu-Aoki e Davi Costa Silva, se debruça

sobre uma das mais notáveis figuras políticas do país e a construção de sua imagem discursiva em dois momentos históricos distintos. O aparato conceitual da teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau foi aplicado às marchinhas, um tipo de texto cancional frequentemente negligenciado pelos estudos acadêmicos sobre o tema. A análise logra nos mostrar as distinções entre as duas imagens de Getúlio Vargas construídas por essas marchinhas: em um primeiro momento, moderno, patriota e revolucionário; e, em um segundo momento, carismático, experiente e popular.

Dando um passo adiante na linha cronológica das canções, o artigo “Da iconicidade em ‘Asa Branca’”, de Alef James Fonseca, dedica-se a uma minuciosa análise interna dessa consagrada canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Valendo-se do aparato teórico da semiótica discursiva greimasiana e dos estudos semióticos da canção de Luiz Tatit, Fonseca esmiuça o complexo sincrético letra-melodia para, em seguida, analisar os efeitos de iconicidade por ele gerados. O trabalho também se destaca por agregar à análise discursiva propriamente dita elementos analíticos da harmonia funcional, mostrando como eles corroboram os mecanismos iconizantes e sinestésicos verificados nos domínios verbal e melódico.

Fazendo justiça ao rico repertório da cultura brasileira, passamos do baião nordestino para as toadas do Norte do país com o trabalho “Patrimônio cultural imaterial da Amazônia: Os bois- bumbás e as toadas como formas de contestação simbólica”. Nele, os autores Alécio Vaneli Gaigher Marely, Romário Neves Coelho e Leonard Christy Souza Costa se valem, entre outros, do pensamento foucaultiano para apresentar uma análise discursiva das letras de toadas do Boi Caprichoso e do Boi Garantido, mostrando como esses discursos cancionais materializam formas de identidade e de resistência cultural bastante particulares da região amazônica. Conjuminando com coerência aspectos textuais e socioculturais, o artigo tem o grande mérito de pôr em realce as manifestações culturais populares brasileiras, merecedoras de muito mais atenção do que têm de fato recebido por parte das análises textuais-discursivas.

Trazendo-nos de volta ao terreno nordestino, mais especificamente cearense, o artigo “‘Arrote e coma você mesmo’: elementos da carnavalização na canção ‘Padaria Espiritual’, de Ednardo” coloca as lentes bakhtinianas da carnavalização sobre uma canção desse compositor do assim chamado “Pessoal do Ceará”. O trabalho de Marcos Roberto dos Santos Amaral, João Batista Costa Gonçalves e José Alberto Ponciano Filho logra também explicitar as remissões dialógicas traçadas pelo título da canção, lançada nos anos 70, com a Padaria Espiritual, um importante coletivo literário que atuou em Fortaleza a partir do final do século XIX. A

análise realizada mostra como a canção “Padaria Espiritual” critica e subverte os valores de um status quo retrógrado e conservador vigente naquele contexto histórico e sociocultural.

É também sobre esse contexto histórico da década de 70 que o artigo de Beatriz Farias Mendes desenvolve sua análise. Com o título “Da banalidade à repressão: uma análise estilística de ‘Cotidiano’, de Chico Buarque”, a autora recorre ao ferramental teórico da estilística do discurso, bem como a estudos semióticos sobre a repetição, para elucidar como são usados recursos fonológicos, métricos, lexicais, sintáticos e enunciativos na construção discursiva de uma cotidianidade ambígua, que oscila entre o hábito e a repressão. O trabalho também prima por estabelecer relações entre dados extraídos da análise interna do texto-enunciado e dados relacionados ao contexto de produção e circulação do texto.

Afastando-se da turbulência sociopolítica e cultural dos anos 70, o próximo trabalho nos leva a dar um passo adiante ao abordar, mediante três interpretações diferentes, uma composição do início dos anos 80, cujo arco diacrônico chega a tocar o início do século XXI. É o que propõem Matheus Henrique Mafra, Carolina Lindenberg Lemos e Vinícius Façanha em seu artigo “Três versões de ‘Mutante’ e a síntese de Rita Lee”. Valendo-se do aporte teórico da semiótica discursiva e dos estudos semióticos da canção de Luiz Tatit, a análise descreve o núcleo de identidade da composição e suas respectivas variações interpretativas entoadas por Daniela Mercury, Ná Ozzetti e pela própria Rita Lee. O rigor metodológico e a sensibilidade analítica servem bem como merecido tributo e memorial ao ainda recente falecimento da cancionista paulista.

Também espalhando-se entre o final dos anos 90 e os primeiros anos do século XXI, o trabalho “Felicidade e razão de viver como formações discursivas do discurso de amor em canções” coloca seis canções em línguas portuguesa e inglesa sob as lentes da análise do discurso, mais especificamente do pensamento de Pêcheux, Maingueneau e Orlandi. Nelas, o autor Adelino Pereira dos Santos examina como se manifestam as formações discursivas do “amor como razão de felicidade” e do “amor como razão de viver”. Contemplando composições de Marisa Monte, Shania Twain, Seu Jorge, Vanessa da Mata, Céline Dion e Tribalistas, o trabalho mostra como as duas formações discursivas em observação atuam de maneira interposta e complementar.

Aprofundando esse mergulho na canção pop contemporânea de língua inglesa, as autoras Marcela Aianne Rebouças, Nayara Nicoly Braga e Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares ajustam o foco de suas lentes sobre a construção discursiva da imagem da mulher. Trazendo o título “Representações femininas na mídia: ruptura e continuidade aos papéis

tradicionais em canções pop”, o trabalho aplica o pensamento de Foucault e de autoras feministas, nomeadamente bell hooks e Michelle Perrot, na análise da letra de duas canções pop de autoria de Jennifer Lopez e Ariana Grande. Os dados levantados pela análise permitem enxergar, em filigrana, ora a constituição de um papel feminino transgressor à norma patriarcal, ora a manutenção de um papel conformado a esses valores.

Na sequência, o próximo trabalho também aborda a construção discursiva da imagem da mulher, adicionando aí uma perspectiva interseccional ao abordar questões étnico-raciais. Intitulado “Subversão e resistência: análise discursiva da música ‘Kaça’ de Karol Conká”, o artigo assinado por Thiago Henrique de Jesus Silva recorre ao arcabouço teórico de Fairclough e da análise do discurso crítica para examinar as estratégias e mecanismos discursivos mobilizados por Karol Conká para reverberar, a um só tempo, a voz da igualdade racial e do empoderamento feminino. O uso consistente e sistemático das ferramentas conceituais mostra que, quando abordado com seriedade e rigor metodológico, todo objeto de estudo traz revelações importantes para quem se coloca diante dele com respeito e curiosidade científica.

Mergulhando fundo no terreno da cultura pop, Winicius Nathan Santos Nascimento fecha os trabalhos do dossiê com seu artigo “E, de repente, todos estavam falando sobre o Bruno: uma análise da tradução da canção de ‘We Don’t Talk About Bruno’ do filme ‘Encanto’ à luz do ‘The Pentathlon Principle’”. Centrando o olhar na trilha sonora da animação “Encanto”, produzida pela Disney, o autor analisa a tradução da letra para o português, valendo-se de conceitos teóricos apresentados por Franzon e Low, bem como das reflexões de Hurtado e Jakobson sobre os tipos de tradução. Trazendo à luz noções como naturalidade, fluidez e cantabilidade, Nascimento trata, de maneira sistemática, de um fenômeno tão presente no cinema de entretenimento e que tantas vezes pode passar despercebido para o sujeito leigo.

Enfim, podemos assegurar que o mosaico formado pelos dez artigos que compõem o dossiê demonstra de forma prática, por meio de análises textuais bem feitas, rigorosas e coerentes, que é possível aplicar para um mesmo objeto (a canção) conceitos de diferentes correntes teóricas sem forçar a mão. Em vista disso, o conjunto de textos ora apresentado oferece aos leitores e leitoras uma oportunidade para ampliarem sua compreensão a respeito de um elemento ou da própria tríade texto-discurso-sociedade ao mesmo tempo em que lhes possibilita expandir seu repertório sobre a maravilhosa música popular, de diversos estilos e gêneros, proveniente de diferentes regiões brasileiras e até de outros países.

Tão instigante e prazeroso itinerário compreende também um extenso percurso temporal que se inicia com as canções da tradição, passa pelas concernentes às décadas de 70-80-90 e chega às mais contemporâneas (dos anos 2000). Convidamos você a desfrutar essa trajetória conosco! Boa leitura!

COSTA, NELSON BARROS DA; SHIMODA, LUCAS
TAKEO; MENDES, MARIA DAS DORES NOGUEIRA.
ANÁLISE DISCURSIVO-TEXTUAL DE CANÇÕES:
APRESENTAÇÃO. **ENTREPALAVRAS**, FORTALEZA, V.
13, N. 3, E2762, P. I-VI, SET.-DEZ./2023. DOI:
10.22168/2237-6321-32762